

V ENEC - Encontro Nacional de Estudos do Consumo
I Encontro Luso-Brasileiro de Estudos do Consumo
Tendências e ideologias do consumo no mundo contemporâneo
15, 16 e 17 de setembro de 2010 - Rio de Janeiro/RJ

Papéis da Escrita na Era da Escrita sem Papel: Migrações Internacionais, Blogs e Etnografia Virtual

Eliane Tânia Freitas¹

Resumo

Neste paper analiso o papel da escrita como meio de elaboração da experiência de ser imigrante em um país estrangeiro, em particular o uso do blog como meio de manutenção e cultivo dos elos com parentes e amigos que se encontram fisicamente distantes, na terra natal, bem como para a constituição de novas redes de relações sociais na nova terra. Nesse sentido, o blog apresenta-se como espaço no qual é possível visibilizar parte do seu cotidiano, elaborar uma imagem de si, bem como desabafar sobre os problemas do dia a dia e compartilhar as pequenas (e grandes) alegrias, todas possibilidades que passam a ser ainda mais valorizadas (ou valorizadas pela primeira vez) nessa situação de 'exílio'. Quero pensar as motivações para o cultivo dessa escrita e seus efeitos sociais, do ponto de vista do blogueiro, sobre ele próprio e sobre a constituição de suas redes sociais. E vice-versa: possíveis efeitos da dinâmica dessas relações sobre sua escrita.

Palavras-chave: blog, imigração, narração de si

Dentro do universo pesquisado, a partir de uma caracterização bem geral, Malu e Marisa² poderiam ser aproximadas: duração do blog e da condição de imigrante, experiência matrimonial, filhos; embora, por outro lado, tenham personalidades e blogs diferentes em muitos aspectos. O blog de Malu apresenta um caráter tão pessoal quanto o de Marisa, com muitas narrações sobre suas experiências de vida cotidiana no trabalho, na família e também alguns posts bem confessionais sobre seus estados emocionais (sobre sua condição bipolar e o autismo de seu filho único, por exemplo), porém,

¹ Antropóloga, professora adjunta no Departamento de Antropologia e no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFRN. E-mail: etmart@gmail.com

² Este paper resulta da análise parcial de seis blogs de uma mesma rede de blogueiras expatriadas. São eles: NC, de Malu, mineira, tradutora de inglês e holandês, 44 anos, seis anos de blog, há 16 anos na Holanda (Amsterdã); FA, de Marisa, curitibana, cientista da computação, 40 anos, seis anos de blog, há 16 anos na Austrália (Sydney); EAAS, de Joyce, carioca educada no Nordeste (Recife e Natal), cientista da computação trabalhando na área, em órgão da Unesco, 27 anos, um ano e três meses de blog, há um ano na Suíça (Berna); NSNTB, de Fernanda, gaúcha, 28 anos, jornalista cursando mestrado em Comunicação, três anos de blog, há três anos na Suécia (Estocolmo, tendo antes morado em Londres, Inglaterra, por cinco anos); QDOE, de Natália, 26 anos, formada em Publicidade e Propaganda (não trabalha na área, no momento, é dona de casa), um ano de blog, há vinte e um meses nos EUA (Jacksonville, na Flórida); RMC, de Thaís, baiana, 26 anos, pós-graduada em Desenvolvimento Sustentável, há sete meses na Alemanha (Berlim).

enquanto são comuns no de Malu (NC) os posts que apresentam resenhas críticas de livros e filmes, no de Marisa, que se mostra mais emotiva e escreve com frequência sobre o sofrimento provocado pela saudade do Brasil, os posts que contrabalançam o tom confessional são aqueles que apresentam uma visão muito crítica em relação às políticas do governo australiano, especialmente aquelas voltadas para os nativos da Austrália, nos quais procura desmistificar a imagem da Austrália como paraíso, para seus leitores, potenciais migrantes e turistas.

Outra dupla facilmente aproximável são Joyce e Fernanda, em termos de perfil, motivações para emigrar para a Europa, faixa etária, inserção na sociedade local etc., embora, por outro lado, seus blogs sejam bastante distintos. O de Fernanda, embora exponha suas experiências no campo dos estudos que a levaram a se mudar de Londres – onde passou cinco anos – para Estocolmo (mestrado em Comunicação e curso de sueco), apresenta um tom mais distanciado e impessoal, quase jornalístico, mesmo quando retrata seu cotidiano. Seu blog quase apresenta imagens ou fotografias dela própria. O de Joyce, pelo contrário, apresenta-se quase como um diário no sentido clássico, extremamente rico visualmente, com muitas fotografias dela própria sozinha e acompanhada durante situações cotidianas, com a finalidade específica (e confessa) de registrar sua vida em Berna, na Suíça, e compartilhá-la com os amigos que ficaram no Brasil, com sua família e, no presente – devido à popularidade alcançada pelo blog – com seus leitores, muitos deles expatriados ou aspirantes a expatriados.

A terceira dupla, dentre as seis blogueiras escolhidas para observação nesta primeira fase, exploratória, da pesquisa, é Natália e Thaís, ambas casadas com estrangeiros (norte-americano e alemão, respectivamente). Ambas apresentam o casamento como parte do contexto que as teria levado a emigrar, porém não como principal motivo. Natália é enfática em diversos posts e mesmo no texto do perfil – apresentado na página inicial do blog – em afirmar que se mudar para os Estados Unidos teria sido seu sonho desde a infância. Portanto, uma escolha que precede o encontro com o norte-americano com quem veio a casar-se após se conhecerem em um site confessional da religião protestante que compartilham. Thaís também afirma que a decisão de morar na Alemanha foi posterior ao casamento, que aconteceu no Brasil, onde conheceu seu atual marido. Ambas justificam a escolha em torno do mesmo mote que é tão central para Joyce – e nisto se aproximam dela, que está na mesma faixa etária, mais do que de Marisa, Malu ou Fernanda: a suposta *qualidade de vida* que só seria possível para elas lá, no chamado – por elas – Primeiro Mundo. Obviamente, essa afirmação

sempre ocorre em um quadro comparativo no qual são ressaltadas as mazelas da vida no Brasil, sobretudo no que diz respeito à Segurança Pública e às (im)possibilidades de progredir financeira e profissionalmente. Ou seja, *melhorar* na vida, conseguir um bom emprego, uma remuneração justa, ascender socialmente, contar com políticas públicas adequadas nos campos da Segurança, Saúde, Educação, Planejamento Urbano etc. Não que as outras três – Malu, Marisa e Fernanda – não valorizem tudo isso e compartilhem, em grande parte, do mesmo discurso sobre qualidade de vida, mas – especialmente as duas primeiras, talvez devido ao maior tempo de experiência no Exterior – mostram-se bem mais críticas em relação à realidade do país estrangeiro.

Este será um dos pontos a ser explorado neste artigo, no que diz respeito à análise do conteúdo desses blogs: os discursos em torno da noção de *qualidade de vida* e todos os discursos correlatos a ele, críticos, desmistificadores, até pedagógicos. É possível dizer-se que esses blogs podem ser vistos como ferramentas pedagógicas, nas quais os aspirantes a expatriados/as podem encontrar depoimentos pessoais, análises e reflexões acerca da condição de migrante em país estrangeiro, sob diversos aspectos e pontos de vista. É freqüente que dentre os comentadores desses blogs apareçam muitos desses aspirantes, que fazem perguntas específicas que expõem suas dúvidas a respeito das dificuldades e vantagens de migrar para aquele país no qual se encontra a blogueira. Muitos perguntam sobre moradia, trabalho, curso, dificuldades para aprender a língua, bolsas de estudo. E comumente essas dúvidas são respondidas pelas blogueiras lá mesmo, no espaço dos comentários, o que atrai ainda mais perguntas de novos visitantes, confirmando a vocação pedagógica do blog.

O outro ponto central está explicitado no próprio título: a escrita – ou melhor, a *postagem*: texto, fotografias, vídeos etc. – como ferramenta para a elaboração de uma *narração de si* e, em particular, neste caso, da experiência de ser imigrante e construir uma nova vida em outro país. Neste paper, ainda em caráter exploratório, apresentarei alguns dos tópicos mais freqüentes discutidos nesses blogs, a começar por aquele – *qualidade de vida* - que parece embasar a motivação inicial para a mudança para outro país, bem como a insistência em permanecer lá, a despeito das decepções e da tão falada saudade do Brasil.

Qualidade de vida: sonho de consumo das expatriadas

Joyce é a única das blogueiras pesquisadas que escreveu um *About me* (Sobre mim), que fica destacado no menu do blog na página inicial, no qual explica

detalhadamente o percurso que a levou à Suíça. Vamos nos deter inicialmente sobre esse texto e, em seguida, nos demorar um pouco mais sobre outras postagens acerca dessa experiência de migração, do seu ponto de vista. No *About Me*:

A previsão de terminar o mestrado era Fevereiro de 2009. Então comecei a procurar sobre sites de anúncios de emprego internacionais e comecei a achar alguns legais onde eu me encaixava e comecei a mandar meu currículo. Mandei pra vários. (...) O meu foco era Alemanha, mas cheguei a me candidatar em vagas em outras cidades da Europa. (...) Até o dia que recebi uma candidatura de uma vaga de emprego que parecia se encaixar muito bem no meu perfil. Me candidatei. (...) Depois de uma verdadeira "amazing race" como escrevi no outro post, estava eu em Berna. De repente a Alemanha me parecia tão sem graça, uma lembrança de uma época bem aproveitada nos meus vinte e poucos anos. De repente a Suíça parecia tão perfeita, tão exatamente o que eu queria. Organizada, limpa, funcionando, pessoas educadas, clima agradável, calma, paz. Berna tem a 9ª melhor qualidade de vida do mundo. Ai ai... Dia 15 de maio, estava eu lá fazendo a entrevista cara a cara. A provinha. As discussões das questões. Os esclarecimentos das regras. As cláusulas do contrato de trabalho. O diretor me perguntando "so after learning all this, are you still interested in working with us?". Imaginem a minha resposta. Tudo bem, você não sabe das condições. Mas eu sei. E acredite, valia a pena. 28 de maio recebi o email que confirmou toda a minha expectativa de um grande sonho realizado. Eu tinha sido a selecionada para aquela vaga de emprego... Depois de muito me beliscar pra saber se o que tinha acontecido não era um sonho, caiu a ficha de que é real. (Joyce, do blog EAAS).

Note que faz parte da auto-representação de Joyce a referência a essa mudança como um sonho realizado e que isso é um indicativo forte sobre ela, sobre sua capacidade de realização. Ela também reitera - como Natália - que se trata de algo que sempre desejou e projetou para si, desde a adolescência, principalmente após uma experiência de intercâmbio na Alemanha no início da casa dos vinte anos.

Outro elemento presente nessa autodefinição é o fato, narrado por ela no blog mais de uma vez, das freqüentes mudanças de sua família, por razões profissionais de seu pai, inicialmente, e depois por suas próprias razões. Nasceu no Rio de Janeiro, morou temporariamente na Alemanha sozinha, mudou-se depois com a família para Recife quando já havia retornado ao Rio, e de lá a família seguiu para Natal e ela permaneceu no Recife para não interromper seus estudos. Segundo ela, tudo isso teria sido responsável, em alguma medida, por sua inclinação para morar no Exterior, bem como teria cultivado nela as atitudes adequadas para que essa experiência pudesse ter condições de dar certo: flexibilidade, adaptabilidade, gosto pela novidade, independência.

Apesar disso - ou justamente por isso - ela não deixa de discorrer sobre as dificuldades que têm sido vividas nesse processo de mudança - pois, segundo dizia em post de 19/07/2009, a mudança para a Suíça estava sendo um processo gradual: encontrar residência, mobiliar aos poucos cada cômodo da casa, aprender a lidar com os códigos de vizinhança, e ainda os do local de trabalho. Ela narra em detalhes algumas dessas experiências na produção do seu novo espaço de residência, bem como também do trabalho, contando por exemplo, sobre a visita a lojas de móveis e utensílios domésticos, a escolha desses bens, a dificuldade para transportá-los para casa sozinha (não fazem entrega!, surpresa dela), montá-los (também só), arrumar a casa. Tudo isso sendo narrado aos poucos, *post a post*, como um diário escrito e ilustrado com muitas fotografias do seu cotidiano, dos enfrentamentos, surpreso, adaptações...

Aprender os sistemas, as regras, as tradições, os costumes, as maneiras de lidar com as situações e as particularidades de cada ambiente, sem falar na superação do idioma, relações, convivência com as pessoas nesta cultura e diferenças climáticas é sem dúvida o maior desafio que eu já me submeti na minha vida. Não vou mentir, estou pensando um bocado pra me ver vencedora neste desafio. A cada dia é uma nova batalha e sei que isto não vai terminar nem tão cedo. Mas só eu sei o quanto lutei pra chegar aqui, tenho fé que não estou aqui a passeio e acordo todos os dias com um sorriso no rosto pela oportunidade de poder estar vivendo esta realidade e saio de casa pronta pro que aparecer. (Joyce, 19/07/2009).

Joyce fez questão de celebrar em um *post* (05/10/2009) quando completou três meses na Suíça, frisando bem que a partir daquele momento ficaria claro que ela não

está ali na condição de turista, pois três meses é justamente o prazo máximo pelo qual qualquer pessoa pode permanecer na Europa a passeio. Além disso, precisa um visto de trabalho, que obviamente ela tem. Por outro lado, isso implicaria ser obrigada a prestar contas caso solicitada acerca dos motivos de sua presença ali, isto é, não bastaria mais mostrar o passaporte. Agora, do ponto de vista das autoridades públicas, e mesmo dos nativos locais, sua permanência ali estaria atrelada ao seu vínculo empregatício, à sua identidade profissional.

Quanta novidade, quanta mudança... Conversando com Carmen hoje, me dei conta. Como ela mesma disse quando completou 3 meses aqui, neste tempo, tenho um novo emprego, uma nova casa, novos móveis, um novo endereço, novos vizinhos, novos colegas de trabalho, novos amigos, novos hábitos do dia-a-dia, uma nova conta bancária, um novo número de telefone, um novo celular, novas roupas, novos idiomas sendo falados ao meu redor, novos costumes, novos canais na minha nova televisão, um novo clima, um novo fuso horário, tudo é novo. Agora eu não vou mais ao trabalho de carro, eu ando. Agora eu não preciso mais de carro com vidros escuros e portas trancadas pra ir ao supermercado e por as sacolas todas de plástico no porta-malas, faço feira várias vezes por mês, sempre que preciso, pois vou a pé, ou de tram, e carrego as sacolas de papel na mão mesmo. Agora eu sei quanto custa um bilhete de ônibus, tenho passe mensal e conheço todos os tipos de passes pras diferentes necessidades de transporte público, seja tram, ônibus, trem, até tarifa de taxi eu sei daqui pra ali. Agora eu conheço todas as estações e maneiras de chegar até meu apartamento por transporte público. Agora eu não moro mais num prédio com porteiro fardado, cerca elétrica, câmeras por todos os lados e condomínio mensal, meu prédio só tem uma simples porta de entrada e caixas de correio com os nomes dos moradores na frente, não existe número de apartamento. (...) Agora eu não preciso mais me afobar nas contas a pagar e contar as moedinhas pra terminar o mês. Tenho um salário decente, justo e compatível com meu cargo, que cobre minhas despesas e às vezes até posso fazer uns mimos e umas viagens.

Agora eu saio de casa e vejo alpes com os picos brancos cobertos de neve.

A qualidade de vida que eu tanto almejei parece ter finalmente aparecido. Não nego minhas origens e sou orgulhosa de onde vim, mas hoje estou num estado pleno de felicidade que não sei se tenho palavras pra descrever. Não sei até quando isso vai durar, se tem volta ou se estou realizando meu propósito nesta vida, só sei que tudo que vivi até hoje valeu a pena por ter chegado até aqui, por mim, mediante minhas capacidades e meus esforços, faz o gosto da vitória bastante saboroso, algo que não importa o que aconteça já é meu, minha conquista, meu triunfo, que me acompanhará na minha história, como parte desta fase da minha vida para sempre. (Joyce, 05/10/2009)

O primeiro sonho de Joyce – o que também é muito explícito nos discursos de Natália, do QDOE - é a Nação: a Suíça da “cultura” e da “civilização”, da sociedade organizada, da ausência de corrupção; os EUA “terra das oportunidades”, etc. Enfim, o não-Brasil que os expatriados parecem buscar – em um *projeto individual* - e que costumam resumir na expressão: *qualidade de vida*.

Hoje eu posso sair a noite sem medo se vou voltar pra casa inteira, posso andar na rua até de madrugada sem ter medo de ser assaltada. Hoje eu consigo praticar os diferentes idiomas que aprendi e venho aprendendo ao longo do tempo seja no trabalho, na rua, com os novos amigos, em restaurantes, esperando o trem, diariamente. Agora eu não me estresso mais com meu trabalho, porque meu trabalho é só uma parte da minha vida, eu não vivo pra trabalhar. Meu trabalho me faz digna, e não escrava. Meu trabalho me dá condições de ter uma vida saudável, onde posso aprender coisas novas suavemente sem um sentimento mesquinho nem competitivo. Trabalho sem ser pressionada, faço pausas para o chá e o café, converso com pessoas de diferentes nacionalidades, aprendo algo novo toda hora. A qualidade de vida que eu tanto almejei parece ter finalmente aparecido. Não nego minhas origens e sou orgulhosa de onde vim,

mas hoje estou num estado pleno de felicidade que não sei se tenho palavras pra descrever. A realização de um sonho é algo muito especial. Não sei até quando isso vai durar, se tem volta ou se estou realizando meu propósito nesta vida, só sei que tudo que vivi até hoje valeu a pena por ter chegado até aqui, por mim, mediante minhas capacidades e meus esforços, faz o gosto da vitória bastante saboroso, algo que não importa o que aconteça já é meu, minha conquista, meu triunfo, que me acompanhará na minha história, como parte desta fase da minha vida para sempre. (Joyce, do blog EAAS, 05/10/2009)

Em um post mais recente no qual se compara a um colega recém-chegado ao escritório na Suíça, também brasileiro: “Ele sou eu ontem”, ela postou, “deslumbrado com tudo aqui na Suíça.” E, de fato, pode-se perceber essa nota de deslumbramento e entusiasmo em todos os seus primeiros posts, a despeito das queixas e pequenos desapontamentos, sobretudo nas questões prosaicas do dia a dia (como o fato de a loja não fazer entrega dos móveis mais pesados nem oferecer serviço de montagem).

O blog de Joyce tem duas características principais, quanto ao conteúdo: é uma espécie de diário do cotidiano, que cuida em não expor assuntos de natureza íntima, embora tenha um tom bastante afetivo e pessoal; e é fortemente carregado de imagens, fotografias tiradas por ela própria ou que amigos tiram dela no dia a dia. Todos os passeios com os colegas após o expediente de trabalho, programas com namorado, festa em casa, passeios pelos arredores de Berna, em locais turísticos ou cidades vizinhas, é extensamente fotografado e essas fotos são postadas quase em tempo real. Às vezes leva alguns dias, raramente mais de uma semana, para a postagem acontecer.

Assim, além dos textos, o blog apresenta rico material imagético de paisagens suíças e dos momentos de lazer, mas também do cotidiano em casa e no trabalho, de Joyce, sozinha e acompanhada de colegas, amigos, namorado, familiares em visitas e de Juca, seu cão. Não é raro que algum leitor comente que Joyce transmite uma impressão de estar sempre “de bem com a vida” nas fotos e textos. A tessitura que produz esse resultado sem dúvida resulta do material fotográfico tanto quanto dos textos escritos, indissociáveis neste contexto. Mas, também é importante frisar: resulta também - como ocorre em todos os blogs - dos comentários postados por seus leitores, geralmente - mas, não necessariamente - blogueiros como ela, quer sejam blogueiros que ela leia e

comente, em troca, ou não. O “clima” do blog é dado por todo esse conjunto, pelos intercâmbios, frequência, qualidade, atitudes demonstradas nos posts, cumplicidade, antagonismo, críticas. E no caso do blog de Joyce o que mais se vê são relatos de identificação com suas experiências, por parte de imigrantes mais experientes que, por meio dos relatos dela, relembram seu começo no país estrangeiro e fazem comparações, compartilham recordações.

Uma terceira característica é que no blog de Joyce há sempre comentários de sua mãe, moradora em Natal. Ela sempre faz comentários encorajadores, orgulhosos de sua filha, dizendo que ela “está no lugar certo”, contribuindo para melhorar o mundo com seu conhecimento em um órgão da Unesco. Chegou a fazer um longo poema para a filha, exaltando suas qualidades, força de vontade, iniciativa, coragem para ir morar fora etc. Joyce postou esse poema no About me do blog, a seção em que aparece uma informação mais extensa sobre o perfil do dono do blog.

Somente em 09 de Abril de 2010 aparece o primeiro sinal de dúvida sobre a escolha de viver fora do Brasil. E o post surgiu após a participação em um fórum de discussão de Brasileiros no Exterior no LinkedIn. Após responder no fórum sobre os motivos para sair do Brasil, como está a vida fora e se pretende voltar, algumas dúvidas parecem ter brotado em Joyce. Ao final do post, no entanto, ela reafirma sua alegria de estar lá e a intenção de permanecer.

Dei meu depoimento e li as outras dezenas de comentários palavra por palavra. Não é difícil perceber os pontos em comum de quem tá na mesma situação que a bonitinha aqui. Ainda bem. Às vezes me sinto tão sozinha aqui que acho que devo ter sido maluca de ter deixado toda minha vida no Brasil pra trás por livre e espontânea vontade pra vir pra cá sem conhecer ninguém, começar tudo do zero, e achar que isso tá certo. Lendo os comentários de brasileiros morando no Canadá, Inglaterra, Suécia, Holanda, Peru e tantos outros lugares, é fato: TODO MUNDO sente falta realmente do jeito brasileiro desinibido de ser, de conversar a vontade, descontraído. Sei lá, é único, não tem ninguém de nenhuma outra nacionalidade que seja como a gente. Mas também TODO MUNDO fala dos pontos positivos de se morar na Europa, nos EUA, ou Canadá: a qualidade de vida, a organização, os serviços que funcionam, a ética das

peças. E motivados pela corrupção do poder no Brasil, a falta de organização das coisas, a bagunça generalizada em vários setores, a violência e a mesma ladainha de sempre, a vinda pra cá parece ser a fuga ideal na esperança de ter uma chance de viver um pouco mais despreocupado enquanto o Brasil se "cura" de seus problemas. Aí o tempo passa, você começa a se acostumar com a vida longe de casa, perceber as coisas que lhe faziam feliz quando morava lá e ver mais as coisas que te deixam triste aqui, e começa a reavaliar se toda essa mudança vale a pena. Mas aí também já não é tão fácil voltar atrás, você já fez novos amigos, tem namorado, emprego, contatos, planos pra próxima viagem e aí termina ficando por aqui, porque no fim ainda parece valer mais a pena.

É difícil. Uma vez fora do Brasil, não somos mais os mesmos. (...) Eu queria mais, queria aprender de vez o alemão, queria coisa nova, queria gente nova, gente diferente, lugares diferentes. E tava também cansada dos salários baixos, das contas absurdas, da malandragem e da falta de compromisso das pessoas e das coisas, sei lá, eu tava esgotada e precisava dessa experiência. Queria vir, tinha que vir. E consegui. Consegui vir, consegui um emprego, me sustento, posso dizer que estou muito realizada e bem sucedida profissionalmente, mas ainda não certa de que é aqui que quero ficar. O que eu sei hoje é que quero ficar aqui ainda mais algum tempo, não sei quanto. Não quero voltar. Não penso em voltar agora, na verdade nem depois também. Penso que talvez daqui eu vá pra outro lugar, mas não tão cedo de volta ao Brasil. Mesmo com a saudade, as diferenças e os apertos no coração na falta das coisas que sei que não terei em nenhum outro lugar, sinto que ainda preciso ficar mais por aqui. É isto. Deus nos proteja, nos guie e vamos em frente! (Joyce, 09/04/2010)

Esse post foi muito comentado (24 comentários). A maioria dos comentários partiu de blogueiras em situação similar na Europa e Estados Unidos, que mostraram simpatia e fizeram comparações. Um dos posts, porém, veio de um familiar, cujo parentesco não consegui identificar ainda, que adotou um discurso crítico, afirmando que “continua

afirmando que o lugar” dela é no Brasil, para contribuir com seu conhecimento para mudar a cultura empresarial brasileira. Na verdade, ela – A.S. - generaliza:

Bonito o que você escreveu, mas eu acho que o seu lugar é aqui e a missão de vocês como profissionais do futuro é melhorar o Brasil, sendo Gerente, líderes, seja lá o que for ir mudando a mentalidade cultural das empresas no Brasil. Se vcs não fizerem isso, quem vai fazer? quem vai contribuir para acertar as coisas no Brasil. Espero que todos voltem e contribuam para um Brasil Melhor!!! Tudo de Bom... bjs (9 de abril de 2010)

Ou seja, o que aparece aí é o conhecido tema da “fuga de cérebros” do Brasil para o exterior e a leitura crítica que vê nessa fuga uma solução individualista e antipatriótica, acusação a que não raro as blogueiras expatriadas estão expostas, tanto da parte de familiares e amigos (o que contam em seus blogs, referindo-se a isso como incompreensão de seus motivos) ou de comentaristas anônimos nos blogs que os admitem (caso de Joyce, somente, dentre os cinco blogs aqui analisados). Joyce não respondeu à crítica aqui, porém o fez indiretamente ao insistir sobre seu direito de escolha de uma vida melhor, com mais qualidade, em vários posts, naqueles termos que temos visto aqui no artigo.

Outro aspecto interessante suscitado por esse balanço crítico de Joyce no último post citado é que os comentários se estenderam em discorrer sobre os problemas que fariam não valer a pena viver no Brasil: corrupção, falta de bons empregos (leia-se bons salários), educação de qualidade, segurança pública. Foram os itens mais citados por quem comentou o post e provavelmente são os mais enfatizados em todo o universo de blogs que pesquiso, embora não o possa afirmar com segurança ainda nem refletir mais a fundo neste momento sobre seus possíveis significados.

Pedagogia do Blog

Esses blogs de expatriadas exercem, quer de modo intencional da parte das blogueiras ou não, a função pedagógica de ensinar sobre outros modos de vida e costumes do país e alertar sobre as ciladas mais comuns para os recém-chegados ou mesmo para pessoas que planejam ou sonham morar fora do Brasil – ou especificamente naquele país – um dia.

Um dos posts mais explícitos neste sentido foi postado por Joyce em 02/07/2010. Nele, ela faz um balanço de suas principais dificuldades e aponta soluções que funcionaram para ela, quase no espírito de um manual de auto-ajuda:

Sobreviver que eu falo aqui é na verdade como passar pelo primeiro ano longe de tudo e de todos que se está acostumada. Não é nada fácil, mas não quer dizer que seja uma fase ruim. É preciso ser forte, aceitar as diferenças e estar preparada para diversas situações que você só vive quando está longe. Sair correndo e chorar querendo voltar não vale, certo? Então agora que estou completando um ano de vida na Suíça, resolvi fazer uma recapitulação dos fatos e identificar o que realmente me ajudou a sobreviver este ano e como contornei as dificuldades.

Depois dessa introdução breve, ela apresenta a tal recapitulação das dificuldades e depoimentos de como as superou em uma lista de tópicos, divididos em categorias como idioma, clima, amizades, lugar para morar, cultura e costumes e viagens. Em seguida, fala sobre a experiência dolorosa do primeiro inverno inteiro na Europa, do frio ao qual não estava acostumada. E sobre a melancolia sentida por ela então - e que ela tantas vezes, em outros posts, assim como Malu (no seu NC) atribuiu ao inverno, que, segundo ambas, torna todas as pessoas mais reservadas e distantes, o que seria muito difícil para uma brasileira, habituada ao *calor* do Brasil e dos brasileiros.

Malu, aliás, faz um comentário bem característico dela, que exemplifica o que chamei de pedagógico:

Para início de conversa, quase não falei da Holanda neste blog porque em quase 13 anos vivendo aqui ainda há muitas coisas a decifrar. Verdade seja dita, a Holanda para mim ainda é uma charada: Decifra-me ou te devoro. Mas uma coisa ao menos é certa, aqui as aparências enganam e muito. Um exemplo é a idéia que temos de uma sociedade liberal onde as mulheres têm os mesmos direitos que os homens... (Malu, 28/02/2007).

Um movimento que se repete em todos os blogs observados nesta pesquisa é essa empreitada desmistificadora. Todas As blogueiras compartilham com seus leitores e interlocutores no blog seus desapontamentos, surpresas, aprendizados, os resultados do

confronto entre o país imaginado e sonhado e aquele que estão de fato aprendendo a conhecer através da experiência da vida cotidiana com seus inevitáveis tropeços.

Eu moro há 15 anos fora do Brasil e me adaptei a duras penas a uma nova vida na Holanda. Me refiro ao inevitável período de adaptação a uma nova cultura e a uma nova língua que todo estrangeiro passa, em maior ou menor grau (e dependendo da sorte de cada um). A maior certeza que tenho em todos estes anos é que a vida de imigrante não é pra qualquer um! Trata-se de uma vida árdua, com muitas dúvidas e escolhas difíceis. Muitos momentos de medo, solidão e a sensação de que ninguém entende o que estamos passando. Tudo isso faz parte do processo. A vida de imigrante é sem dúvida muito rica de experiências que só quem vive fora de seu país vai entender. Experiências que nos enriquecem e acima de tudo, nos tornam mais fortes. No final das contas, uma jornada ao encontro de si mesmo (não se iludam). Após (mais) uma batalha vencida nos tornamos mais fortes. Da mesma forma, cada nova conquista na vida do imigrante é motivo de comemoração. (Malu, 20/03/2010).

Marisa (do FA) conta, no post em que fala sobre o aniversário de 15 anos de sua mudança para o esperado paraíso que seria Sydney sobre algumas de suas lembranças das primeiras semanas, em uma lista:

Lembranças:

- Formatura na sexta-feira anterior à partida de Curitiba.*
- O hotel e o bairro onde ficamos.*
- O bairro... ah, o bairro. Ficamos em Kings Cross e lembro de ter ficado horrorizada ao ver prostitutas e drogados nas ruas em plena luz do dia (santa inocência)! Queria ir embora! (...)*

O vento gelado.

- Vegemite no café da manhã. Pensei que fosse creme de amendoim e passei uma camada generosa no pão. Quase vomitei e desde então passo longe desta mania australiana.*

Supermercado. E porque uma ala inteirinha só para sucrilhos de todos os tipos e tamanhos? E porque só encontro nescafé, cadê o café de verdade?

- *Maionese. Não chegamos a vomitar, mas tivemos que cuspir. Já viram maionese doce? (finalmente, há uns meses encontrei um lugar que vende Helmanns, ufa...)*
- *Baratas. Nunca tinha visto tantas, milhares delas, andando pelas calçadas de Sydney como se tivessem todo o direito de estarem ali. Elas ainda se julgam donas das calçadas, latões de lixo, e também pensam que podem compartilhar a mesma casa que os seres humanos (mas não aqui em casa).*
- *Povo. Mais pessoas idosas que no Brasil e a falta de miscigenação. A falta da mistura de raças ainda é tanta que algumas vezes brincamos que algumas pessoas são meio estilo Deliverance (o filme).*
- *Povo. Adoram andar descalços! Como usam tênis. Como usam roupas pretas!*
- *Sotaque. E eu saí do Brasil achando que entendia inglês, porém nunca me disseram que o sotaque australiano poderia ser incompreensível.*
- *Que povo educado, não jogam lixo no chão e os motorista param na faixa de pedestre!*
- *Procura de apê. A definição de moderno aqui não é a mesma que a nossa. Moderno é o nosso velho. Ah, e o que dizer dos lugares que vimos...(um post à parte, no momento imaginem pocilgas).*
- *Procura de apê. Tive que mudar o meu nome e adotar o sobrenome do maridão. Coincidência ou não, depois que fizemos isto seguindo o conselho de alguém, conseguimos alugar um apê.*
- *Queríamos um colchão de espuma ortopédico, e nos disseram que colchão de espuma só vendiam para as penitenciárias, para o cidadão não-fora-da-lei teríamos que aceitar os colchões tipo box (por*

anos fingimos que éramos fora da lei, pois compramos um colchão de espuma!).

Entrevista de emprego. O quê? Você é brasileira? Não acredito! Como é que pode você ter experiência com computadores de grande porte vindo de um país como o Brasil?

□ *Entrevista de emprego. Ah, você é do Brasil? Me conta uma coisa, você tinha macacos no quintal da sua casa?*

Brasileira? Como pode ser brasileira sendo de cor clara? Ah, talvez possa ser verdade pois você tem os cabelos escuros.

□ *Saudades imensa de casa (e nem mesmo os 15 anos fizeram este sentimento mudar, é tão intenso quanto a primeira vez que senti isto).*

□ *Ué, não tem feijão preto no mercado? E farinha de mandioca (ainda não encontrei)*

□ *Bibliotecas. Gente que diferença! Quantos livros! Deu/dá uma peninha de lembrar da Biblioteca Pública de Curitiba...*

□ *Crediário. Como assim, não tem parcelamento, e que história de crediário invertido, pagar por uma mercadoria e só retirá-la após todas as parcelas terem sido quitadas (lay buy).*

□ *Médicos. Como? Não posso consultar um ginecologista sem antes ver um clínico geral? Eu sei que eu preciso ver um gineco, porque tenho que ver um clínico geral primeiro? É, não dá para consultar com um especialista sem antes ver um clínico geral que então decidirá se você precisa ou não ver um especialista.*

□ *Médicos. Doutor, como é, vai me examinar ou vai só fazer perguntinhas? Quer que eu responda a este questionário no final da consulta? Não vai me "apalpar" para ver se está tudo certinho comigo?*

□ *Comida. Que mania é esta de comer tudo com muita pimenta/chilli? Fomos a um aniversário num restaurante tailandês e*

comemos apenas arroz (hoje já conseguimos comer algo mais picante).

Balanço:

- Faria tudo novamente? Sim, sem hesitação.*
- Arrependida? Nem um pouco.*
- Feliz? Muito.*
- Saudades? Demais, é sufocante algumas vezes.*
- Voltaria para o Brasil? Sim.*
- Ficaria aqui para sempre? Sim.*
- Aprendi a ver o meu país sobre outro ângulo. A valorizar coisas que não valorizava, a criticar coisas que não criticava.*
- Aprendi a apreciar diferenças culturais e respeitar tais diferenças.*
- Aprendi a me proteger e me defender de preconceito.*
- Aprendi tanta coisa, mas o mais importante é que continuo aprendendo e enquanto estiver aprendendo, tudo vale à pena!*

Aos meus pais: obrigada pelo apoio, e por nunca terem dito não às coisas que decidi fazer na minha vida.

Ao meu pimpolho amado: obrigada pela paciência (quase que diária) comigo!

O paraíso afinal não era ali. Era apenas uma cidade, onde poderia viver dentro de padrões mais altos sim, mas definitivamente não era o paraíso. Isso ela logo descobriu, como conta hoje.

Um aspecto sempre criticado é o que é percebido quase sempre a partir da categoria individualismo, quando não, mais radicalmente, frieza. Esta última tem conotação claramente negativa, enquanto a primeira surge, em alguns contextos, de modo mais ameno, como uma característica simplesmente, um modo de ser. A frieza não. Esta é sempre vista como “falta de” algo, constatação que leva a - ou parte de - uma

aparentemente inevitável comparação com o Brasil e o modo de ser dos brasileiros, “mais caloroso”. Inclusive, todas parecem acreditar que é isso que os estrangeiros dos países onde estão (Holanda, Austrália, Estados Unidos, Suíça, Suécia, Alemanha), a despeito de suas diferenças, esperam ver nelas por serem brasileiras e, embora sejam críticas - umas mais outras menos - em relação aos estereótipos do brasileiro, essa crítica se manifesta quanto às classificações de aparência (brasileiro é mais escuro) e generalizações percebidas como preconceituosas quanto ao Brasil (como você pôde estudar Computação no Brasil?). No entanto, nenhuma delas contesta essa generalização: de que brasileiro é mais afetuoso, caloroso, receptivo, emotivo, sociável...

Realmente o povo das outras Américas e Europa tem essa certa individualidade sempre presente. Eles não ajudam mesmo, pelo menos por aqui nem vc como estrangeiro eles tem paciência de explicar as coisas...Já acha que vc é pra vim sabendo.Como saber se ninguém explica? (Natália, comentário postado em 25/06/2010 ao post de 24/06/2010)

Viver como expatriada não é para qualquer uma

Viajar é descobrir novas culturas e acima de tudo, correr riscos...estar aberto para o desconhecido, sem preconceitos e bairrismos que apenas limitam e atrapalham a jornada de quem vive fora. Engraçado é que com os anos, fui percebendo que morar fora do Brasil não é coisa pra qualquer um. Muitos vem e voltam, poucos ficam (Malu, agosto de 2006)

A expatriada que escreve nesses blogs apresenta freqüentemente essa auto-definição: cidadã do mundo. Ela costuma ser apresentada como qualificação altamente positiva, como uma contrapartida da percepção da ambivalência da situação de viver “entre duas culturas”, “entre lá e cá”, e do sofrimento que isso pode gerar:

As entrevistadas alegam que o sentimento fica repartido, a pessoa sente que passa a ter um pouco de cada cultura, ou seja, um pouco da cultura brasileira e um pouco a cultura holandesa. Depois de algum tempo de residência, as pessoas vêem-se entre os dois países, como se desejasse estar nos dois lugares ao mesmo tempo. (Almeida 2008: 203).

Por isso, é também comum que, ao se encontrar no exterior, diga “não sou de lugar nenhum” ou, nas palavras de uma entrevistada de Almeida, citada acima (idem), “a gente fica um pouco meio sem lugar”. A mesma autora faz uma afirmação sugestiva (2008: 202): “A cultura de hoje não é mais a cultura de um lugar, ela é a cultura de uma época.” Seria interessante levar adiante uma reflexão sobre essa idéia, o que, infelizmente, ela não chega a fazer nas páginas seguintes. Mais adiante em nossa pesquisa retomaremos essa sugestão.

A idéia da mudança como um rito de passagem que a transforma em uma nova pessoa surge de modo bastante literal no senso comum das blogueiras expatriadas, sendo repetida nos posts e nos comentários. Elas se reforçam mutuamente e vão construindo em comum um discurso a respeito dessa situação, ainda quando suas situações empíricas mostrem-se de fato, para um observador externo, bastante diferentes e elas próprias pareçam muito diferentes quanto a seus perfis, trajetórias, formação social e cultural, interesses. Há um investimento explícito na construção da identidade comum.

Um desses temas é o de que a mudança para o país estrangeiro - sozinha ou com companheiro, para estudar, trabalhar ou casar - traria fortalecimento do caráter e exercitaria a determinação, a força de vontade. Aí está presente também a metáfora da batalha a ser vencida no dia a dia, gradualmente (Joyce, Natália, Malu, Marisa). Veja esse post de Natália:

depois que pisei em terra fluorescente vi que tinha muito que aprender, crescer e amadurecer. No Brasil eu era muito manteiga, aqui estou aprendendo a 'fortificar os ossos'. (comentário de Natália, em 27/04/2010, a um post de Joyce no EAAS, 09/04/2010)

Essa problematização da experiência confere um tom reflexivo e crítico aos blogs dos expatriados, bem como os transformam em peças do gênero narrativa de si, pois parece haver algo na própria experiência do expatriamento tal como é percebida pelos expatriados que obrigaria (ou, pelo menos, propiciaria) tal problematização:

Aqui descobri verdades sobre mim mesma que não teria descoberto se tivesse ficado em meu país natal. No estrangeiro, somos confrontados com nós mesmos de forma aguda e inevitável. (Malu, agosto de 2006)

Esse confronto consigo mesma não se daria apenas a nível existencial, íntimo, mas também no terreno das demarcações identitárias étnicas e nacionais, o que ocorrerá com maior ou menor intensidade conforme a situação na qual se encontre, ou seja, conforme sua inserção no país e, claro, conforme o peso dessas diferenciações no próprio país. Se estiver nos Estados Unidos, onde as categorias étnicas têm um peso fundamental na definição social de cada indivíduo e segmento populacional, principalmente no que concerne aos seus direitos civis – ou seja, concerne à definição de seu lugar na Nação estadunidense – será inevitável que se torne “hispânica”, “chicana” ou “latina” antes que “brasileira”.

Porém, antes mesmo que entenda como pode estar sendo classificada pelos outros segmentos sociais a partir do sistema classificatório local, ela já terá se tornado para si próprio uma brasileira, o que no seu país natal não é uma identidade operacionalizável, já que não distingue nada: se nasceu no Brasil, é óbvio que é brasileira, então isso não vem ao caso, não se menciona. Ao sair do país para residir permanentemente no exterior, pela primeira vez a classificação nacional (e, em alguns casos, a étnica) vem à tona e torna-se relevante. Pela primeira vez, você é *brasileira*, o que remete para todo um campo de referências culturais associadas não somente aos signos convencionais amplamente conhecidos da *brasilidade* (carnaval, futebol, música), mas também a outros, específicos de um viés, digamos, de gênero, como a erotização intensa dos corpos, a nudez, a sensualidade e espontaneidade atribuídas a esse ícone cultural chamado *mulher brasileira*.

Assim, mais que nunca, longe do seu país, os contornos de tudo o que o define enquanto tal no mosaico das relações com outros países/culturas, e especialmente com o país no qual você está residindo, ficam mais claros, quando não surgem para você pela primeira vez. E seu lugar dentro dele vai, aos poucos, sendo delimitado. Como já foi dito, isso não se dá somente no confronto com os nativos, mas também com outros estrangeiros. Por exemplo, em certos contextos, afirmar-se brasileira ou ser percebida enquanto tal por terceiros equivale a não ser mexicana, coreana, italiana.

Como lidar com o fato de que justamente sua identidade nacional (quando não também a étnica) passa a estar em primeiro plano justamente quando se reivindica para si o direito e a capacidade de viver como cidadã, ainda que expatriada, em uma sociedade percebida como mais avançada, moderna, bem estruturada, *onde as coisas funcionam*? É aí que começam as distinções internas aos brasileiros: os que não se

comportam adequadamente ou não têm nível *queimam o filme* dos demais – é necessário dizer que essa crítica é voltada muito mais freqüentemente contra as mulheres do que contra os homens?

Aí também, por outro lado, terminam as idealizações do país estrangeiro, em parte, pois é quando começam a ter que lidar com o que é percebido como discriminação nacional, étnica ou racial. Ou melhor, é quando o sonho de ser cidadã do Primeiro Mundo tropeça na realidade de ser, lá, minoria étnica ou nacional, um status desvantajoso mesmo para quem está na condição de imigrante legalizado, com documentos, direito de residência e trabalho, como é o caso das blogueiras desta pesquisa.

Difícil mesmo é o imigrante conseguir se enquadrar neste rígido sistema [holandês], sem falar no fato de serem discriminados na escola e no mercado de trabalho. Sim, porque a discriminação racial aqui é algo assustador, têm dias que olho à minha volta e penso que moro na África do Sul, bairros brancos e bairros negros, escolas brancas e escolas negras, etc. Assunto pra outro post, então vou ficar devendo...porque sim, eu evito falar dessas coisas. (Malu, 16/04/2010)

Esse é um tema sempre presente, e de variadas maneiras, nos blogs das expatriadas: viver entre dois sistemas culturais diferentes, ou mais, e os efeitos que isso tem trazido para suas vidas, especialmente para seu comportamento e modo de compreender a vida e, especialmente, o que elas chamam diferenças culturais. Um dos resultados mais comuns dessa experiência seria, segundo elas, o desenvolvimento de uma maior tolerância e/ou compreensão dos comportamentos sociais e morais diferentes daqueles que aprenderam, durante seu processo de socialização no Brasil, serem os mais adequados. Elas se dizem hoje mais tolerantes e mais abertas para outras alternativas. O quanto isso seja verdadeiro é outra questão. Mas, faz parte da autorepresentação da mulher imigrante e é algo que ela afirma nas suas postagens, encontrando geralmente eco nos comentários de outros blogueiros expatriados, de ambos os sexos, com predominância feminina.

Marisa resume sua experiência assim, no *post* celebrativo dos quinze anos na Austrália:

Aprendi a ver o meu país sobre outro ângulo. A valorizar coisas que não valorizava, a criticar coisas que não criticava. Aprendi a

apreciar diferenças culturais e respeitar tais diferenças. (Marisa, do FA, "Debutamos!", 18/09/2006).

Apreciar as diferenças culturais caminha lado a lado com “ver o meu país sob outro ângulo”. E isso é bastante compreensível, pois para encontrar uma forma de lidar com o desconhecido, o alternativo àquilo que era tido como padrão a partir da experiência na própria cultura de origem torna-se imprescindível avaliar criticamente a herança cultural recebida, os valores enraizados a partir da própria experiência de vida anterior em seu país, da própria educação. Isso explica porque estão sempre presentes nesses textos, nos blogs, reflexões de caráter autocrítico, relativizador e de forte cunho comparativo acerca dos seus próprios costumes, que tomam por base seu próprio comportamento nas questões do dia a dia, mas também, em um plano mais geral, os costumes e valores considerados brasileiros, que teriam sido levados daqui. Ou seja, a comparação torna possível um efeito de desnaturalização dos pontos de vista, das opiniões herdadas da primeira socialização no Brasil.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Luciane Pinho de. *Para Além das Nossas Fronteiras. Mulheres Brasileiras Imigrantes na Holanda.* São Paulo, Editora da UNESP, 2008.

BRAGA, Adriana. *Personas Materno-Eletrônicas. Feminilidade e Interação no Blog Mothern.* Porto Alegre, Sulina, 2008.

FREITAS, Eliane Tânia. “Canção do Exílio”: Blogs de Brasileiras no Exterior. Texto completo nos Anais do 27º Encontro Anual da RBA, Reunião Brasileira de Antropologia, 2010.

HINE, Christine M., *Virtual Ethnography.* London, Sage, 2000.

HOWARD, Philip E. N. & Jones, Steve, *Society Online: The Internet in Context.* London, Sage, 2004.

LEJEUNE, Philippe. *O Pacto Autobiográfico. De Rousseau à Internet.* Belo Horizonte, Editora da UFMG, 2008 (2008)

MARTES, Ana Cristina Braga. *Brasileiros nos Estados Unidos. Um Estudo sobre Imigrantes em Massachusetts.* Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2000.

RAMOS, Silvana Pirillo. *Hospitalidade e Migrações Internacionais. O Bem Receber e o Ser Bem Recebido.* São Paulo, Aleph, 2003.